

UMBERTO ECO

Uma ilha de palavras, como garantia de eternidade

GILVAN P. RIBEIRO
PROF. LITERATURA UFJF

Para sobreviver é preciso contar histórias. (A ilha do dia anterior, p.205)

...e para ouvir histórias -é dogma dos mais liberais - é preciso suspender a incredulidade. (idem, p.255)

A figura peregrina trouxe de volta o ânimo para os pensamentos daquele náufrago, educado a descobrir novas terras somente através do telescópio da palavra. (idem, p.454)

O novo romance de Umberto Eco, *A ilha do dia anterior*, recém lançado no Brasil pela Record, depois de um árduo exercício de tradução de Marco Lucchesi (imprescindível ler suas observações sobre o trabalho, colocadas como nota introdutória ao livro) vai se constituir, com toda a certeza, em novo manancial para todo tipo de exotismo crítico e reflexivo, a exemplo do que aconteceu com *O nome da rosa*. Alguma coisa deste tipo já foi, inclusive, esboçada nas páginas de Veja, pelo humor algo enviesado de Diogo Mainardi (edição de 25 de janeiro de 1995).

O livro, de fato, tem tudo para despertar equívocos e gerar polêmica. São várias narrativas que se superpõem, ou se justapõem, num jogo fascinante, ao mesmo tempo labiríntico e especular, um pouco à maneira dos antigos palíndromos, cuja saída era sempre um novo recomeço. E assim por diante.

O ponto de partida é um suposto manuscrito de Roberto Pozzo de San Patrizio, ou Roberto de la Grive, datado de 1643. O manuscrito descreve as vicissitudes do jovem, cujo navio naufragara e que vem a se salvar quando encontra um barco abandonado, aparentemente, ancorado/enclachado junto a uma ilha tropical. O barco lhe dá o necessário para sobreviver e possibilita a ele o início de um processo de reflexão sobre si próprio, sobre sua vida, sobre o outro, seu duplo especular, e sobre algumas obsessões permanentes do ser humano, no contexto característico da linguagem e do pensamento do século XVII. O texto escrito por Roberto reconstrói sua trajetória, sua inquietações, seu aprendizado.

Já aqui, com esta síntese parcial, podemos perceber uma questão que é visceral: o manuscrito de Roberto é resumido, parafraseado, interpretado, por um narrador moderno.

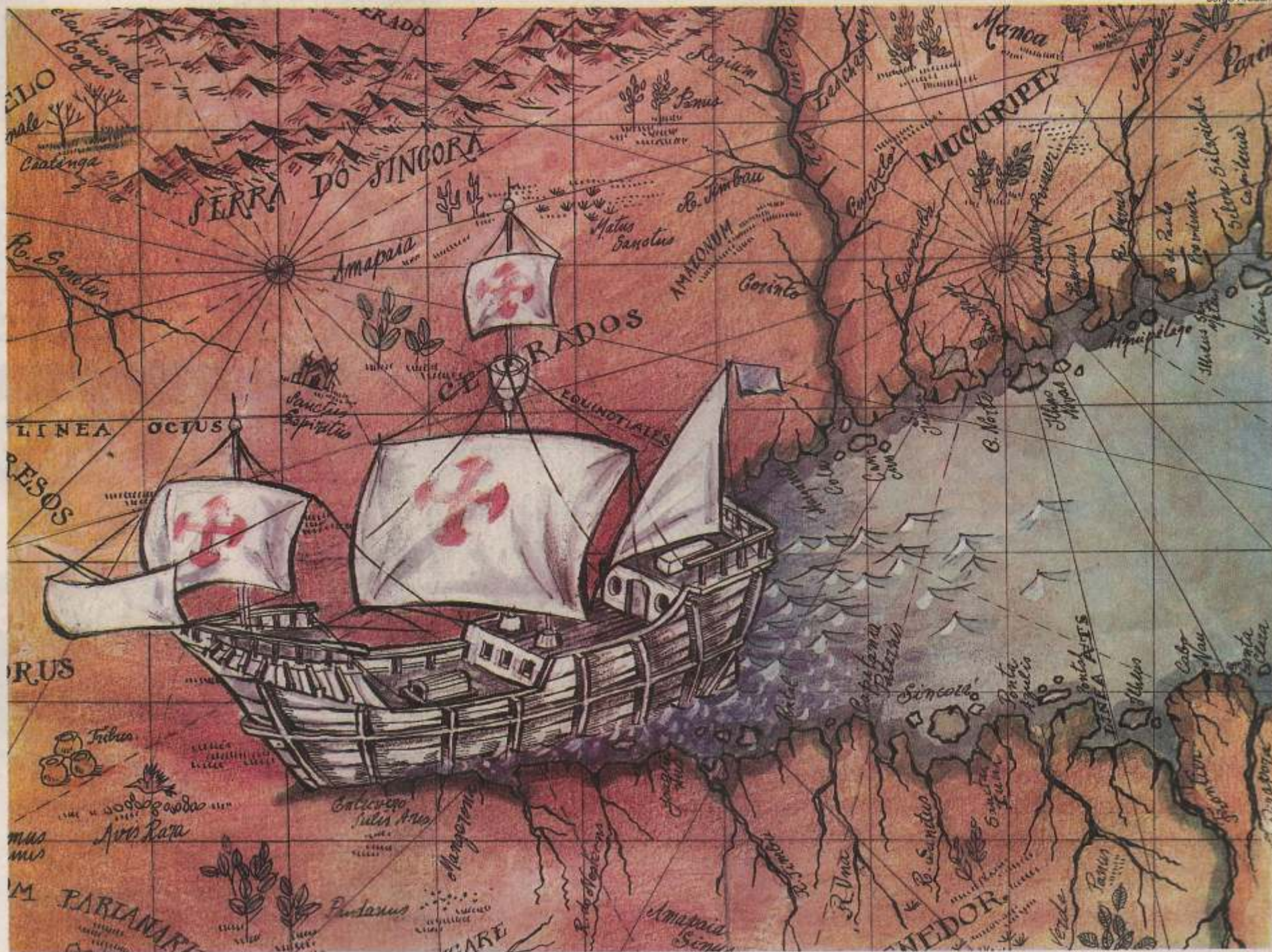
Temos desde logo duas ordens narrativas não excludentes, que se interpenetram: uma do século XVII e outra do século XX. O recurso permite uma série de requintes narrativos, como as longas passagens que reconstruem a linguagem daquela época, a obsessão pelas figuras de retórica levada à exaustão e, mesmo a transcrição (sic!) de trechos em que os próprios trejeitos alfabéticos e sintáticos daquele século são reproduzidos. Além disso, no contraste mesmo entre a narração moderna e a outra, se evidencia um tipo de reprodução, pelo próprio contraste paradoxal entre a pretensa objetividade moderna e o emaranhado filosófico lingüístico do texto de Roberto. Os extremos atônitos diante das mesmas perguntas, embora formuladas de modo diferente.

Estamos longe ainda, contudo, de dar conta das pontas do novelo todo. O manuscrito de Roberto é simultaneamente uma narrativa de aventuras, de amores, de aprendizagem, de especulação e inquietação, se entrecruzando sem cessar. E, ao mesmo tempo, o manuscrito tem dois tempos: o da recuperação, pela memória, do passado anterior ao naufrágio, e o registro feito pelo náufrago dos acontecimentos posteriores. Junte-se a isto a narrativa romanesca que Roberto constrói a partir da confusão imaginária entre ele e seu alter ego malvado, Ferrante, mais os delírios e sonhos do jovem, e as frequentes intrusões do narrador moderno no texto, e está armado o espetáculo. E que espetáculo!

Eco se diverte, como em seus romances anteriores, em distribuir pistas que leitores mais ou menos bem informados podem encontrar aqui e ali. A intertextualidade permanente é mais um dos elementos a exigir a atenção, neste labirinto em que tudo parece estar disposto para não permitir que se encontre a saída. E, ainda assim, a própria intertextualidade exige cuidados. Evidente demais as vezes, é apenas um truque, um fingimento, uma sutileza esparta para distrair e iludir.

A arte do romance, que se comenta volta e meia, é reflexão sobre o processo de construção do livro, ou apenas mais um artifício, para seduzir e levar o leitor a alguma reflexão interessante, ou apenas para convencê-lo de que é esperto e não perde qualquer matiz da construção do texto?

Estas questões não devem nos afastar do que parece visceral: trata-se de um texto que, ao mesmo tempo que resgata anacronismos, coloca-os numa perspectiva excepcionalmente interessante, pois, na formulação de qualquer princípio, anacrônico ou não, o que se percebe é a angústia permanente do ser humano, diante da Esfinge que exige a decifração do enigma para não devorá-lo. E o processo de devoração continua, enquanto a infinidade de dilemas que os universos sociais, políticos, econômicos, estelares, abissais, cósmicos, nos coloca, se multiplica. E as palavras são cada vez mais a única garantia de eternidade de que dispomos.



GROVER WASHINGTON JR.

Preciso resgate de baladas e standards revigora caminhos de gigantes do jazz

JORGE SANGLARD
REPÓRTER

O instrumentista e compositor norte-americano Grover Washington, Jr. esbanja habilidade e técnica seja no saxofone tenor seja no alto, ou ainda no soprano. Mas sua música, mesmo não sendo de má qualidade, quase nada tem do autêntico jazz que consagrou gigantes do sax como Charlie 'Bird' Parker, John Coltrane, Coleman Hawkins, Dexter Gordon e Lester Young. Só que a força do puro jazz é irresistível e, como ocorreu com o álbum *"Then and Now"*, de 1988, o saxofonista reuniu um time de craques e elaborou um disco essencial: *All my tomorrows* (Sony).

Esta nova investida de Grover Washington, Jr. no universo jazzístico, resgatando baladas e standards, é um convite ao intimismo. O saxofonista alinhava com precisão desde a brasileiroíssima "É preciso perdoar" — de Carlos Coqueijo Costa e Alcivando Luz e gravada por João Gilberto em 1973 — até a irresistível "Flamingo", de Anderson e Grouya, passando por "Overjoyed", de Stevie Wonder, e por "When I Fall In Love", de Heyman e Young.

Se, em *"Then and Now"*, o saxofonista — também cercado de feras — se mostrou inteiramente à vontade em clássicos do jazz como "In A Sentimental Mood", de Duke Ellington, "Stella by Starlight", de N. Washington e V. Young, e "Stolen Moments", de Oliver Nelson, nas gravações de *All my tomorrows*, realizadas entre 22 e 24 de fevereiro de 1994, no Van Gelder Studios,



O saxofonista Grover Washington, Jr. volta a trilhar o caminho do jazz de verdade e lança o CD "All my tomorrows", onde resgata baladas e standards num convite ao intimismo. A faixa de abertura é a brasileiroíssima "É preciso perdoar", de Carlos Coqueijo Costa e Alcivando Luz, que já foi gravada em 1973 por João Gilberto

Grover Washington, Jr. reafirma sua condição de improvisador de amplos recursos.

Ao romper as convenções do mercado fonográfico — expressas em muitos discos bem-comportados e com nítidos fins comerciais — o saxofonista articula um álbum onde o que prevalece é a qualidade musical e uma performance à altura de mestres das baladas com tempero jazzístico.

Na faixa título, tendo como companheiros de empreitada os saxofonistas Bobby Watson, no alto, Bobby La Vell, no tenor, e Jimmy Cozier, no barítono, Grover Washington, Jr. cria solos com desenvoltura no sax soprano

e injeta sangue novo no inventivo arranjo de Slide Hampton, abrindo caminho para a criatividade dos músicos convidados. Robin Eubanks, no trombone, Earl Garner e Eddie Henderson, no flügelhorn, Hank Jones, no piano, George Mraz, no baixo e Billy Hart, na bateria, transitam com competência na composição de S. Cahn e J. Van Heusen. E ainda deixam fluir um intenso prazer em exercitar a pura linguagem jazzística.

O arranjo de "É preciso perdoar" é partilhado por Grover e pelo brasileiro, radicado nos Estados Unidos, Romero Lubambo, que ainda toca violão. E, em "For Heaven's Sake", de

D. Meyer, E. Bretton e S. Edwards, Jeanie Bryson e Freddy Cole fazem um dueto vocal, além do sax soprano de Grover e do piano de Jones, do baixo de Mraz e da bateria de Hart. Freddy Cole ainda participa, no vocal, nas faixas "I'm Glad There Is You", de J. Dorsey e P. Madeira, e em "Overjoyed", de Stevie Wonder.

John Coltrane mostrou que as baladas ofereciam um potencial inesgotável para os improvisos jazzísticos do saxofone e Grover Washington, Jr. revigora a trilha desbravada pelo gigante do sax no jazz sem fazer concessão ao modismo ou à pasteurização descartável. É ouvir e ouvir.